EXPOSITOR (BÍBLIA INGLESA)

Comentário de Ellicott para leitores em inglês

[**4.A Doutrina da Grande Humildade de Cristo** (Filipenses 2: 5-11).

(1) A HUMILAÇÃO VOLUNTÁRIA DO SENHOR, primeiro em Sua encarnação, depois em Sua paixão (Filipenses 2: 5-8).

(2) A EXALTAÇÃO CORRESPONDENTE DE SUA

HUMANIDADE, para levar "o Nome acima de todo nome", que toda a criação deve adorar (Filipenses 2: 9-11).]

(5-8) De uma introdução prática, na exortação familiar a seguir o exemplo de nosso Senhor, São Paulo passa para o que é, talvez, a declaração mais completa e formal em todas as suas Epístolas da doutrina de Seu "grande humildade. "Nele, ele destaca, primeiro, a Encarnação, na qual," estando na forma de Deus, assumiu a forma de servo ", assumindo uma humanidade sem pecado, mas finita; e depois, a paixão, que foi

tornada necessária pelos pecados dos homens, e na qual Sua natureza humana foi humilhada à vergonha e agonia da cruz. Inseparáveis em si mesmos, esses dois grandes atos de Seu amor abnegado devem ser distinguidos. A especulação antiga adorou sugerir que a primeira poderia ter sido, mesmo que a humanidade tivesse permanecido sem pecado, enquanto a segunda foi adicionada por causa da queda e de suas conseqüências. Tais especulações são, de fato, completamente precárias e não

substanciais - pois não podemos perguntar o que poderia estar em uma dispensação diferente da nossa; e, além disso, lemos sobre nosso Senhor como “o Cordeiro morto desde a fundação do mundo” (Apocalipse 13: 8 ; ver também 1 Pedro 1:19) - mas eles pelo menos apontam para uma verdadeira distinção. Como "a Palavra de Deus" manifestada na Encarnação, nosso Senhor é o tesouro de toda a humanidade como tal; como Salvador pela morte, Ele é o tesouro especial de nós como pecadores.

Exposições da MacLaren

Filipenses

A DESCIDA DA PALAVRA

Php 2: 5-8 {RV}.

O propósito do apóstolo nesta grande passagem deve sempre ser mantido claramente em vista. O exemplo de nosso Senhor é apresentado como o padrão daquele desinteresse desinteressado das próprias coisas e da devoção às coisas dos outros, que acabamos de ser incitadas aos filipenses, e a mente que estava nele é apresentada como o modelo no qual eles são para formar suas

mentes. Esse propósito, em certa medida, explica algumas das peculiaridades da língua aqui e pode ajudar a guiar-nos através de alguns meandros e pontos duvidosos na interpretação das palavras. Explica por que a morte de Cristo é vista neles apenas em relação a Si mesmo, como um ato de obediência e condescendência, e por que mesmo a morte em que Jesus se destaca mais inimitável e único é apresentada como capaz de ser imitada por nós. A tendência geral desses versículos é clara, mas há poucas passagens das

Escrituras que evocam mais diferenças de opinião quanto ao significado preciso de quase todas as frases. Iniciar as discussões sutis envolvidas na exposição adequada das palavras excederia em muito nossos limites, e devemos forçosamente nos contentar com um leve tratamento deles, e ter como principal objetivo trazer à tona seu lado prático.

A grande verdade que fica clara ao sol em meio a todas as diversas interpretações é que a Encarnação, a Vida e a Morte são os grandes exemplos de humildade e sacrifício. Nascer

foi Seu supremo ato de condescendência. Foi o amor que O fez assumir a vestimenta da carne humana. Morrer era o clímax de Sua obediência voluntária e de Sua devoção a nós.

I. A altura da qual Jesus desceu.

Toda a estranha concepção de nascimento como sendo o ato voluntário da Pessoa nascida, e como sendo o exemplo mais estupendo de condescendência na história do mundo, repousa necessariamente na clara convicção de que Ele tinha uma

existência anterior tão elevada que era quase uma descida infinita para se tornar homem. Portanto, Paulo começa com a afirmação mais enfática de que aquele que levava o nome de Jesus viveu uma vida divina antes de nascer. Ele usa uma palavra muito forte que é dada na margem da Versão Revisada, e pode muito bem estar no seu texto. 'Ser originalmente', como a palavra significa com precisão, leva nossos pensamentos de volta não apenas a um estado que precedeu Belém e o berço, mas à mesma eternidade eterna da qual o prólogo do Evangelho

de João desenha parcialmente o véu quando diz: ' No princípio estava o Verbo ', e para o qual o próprio Jesus apontou mais obscuramente quando disse:' Antes que Abraão estivesse, eu sou '.

Igualmente enfática em outra direção é a próxima expressão de Paulo: "Na forma de Deus", pois "forma" significa muito mais que "forma". Eu indicaria a seleção cuidadosa nesta passagem de três palavras para expressar três idéias que são frequentemente por pensamentos apressados consideradas idênticas. Lemos

sobre 'a forma de Deus' {verso 6}, 'a semelhança dos homens' {verso 7} e 'na moda como homem'. Uma investigação cuidadosa dessas duas palavras "forma" e "moda" estabeleceu uma ampla distinção entre elas, sendo a primeira mais fixa, e a segunda se referindo àquilo que é acidental e externo, que pode ser passageiro e não substancial. A posse do formulário também envolve a participação na essência. Aqui não implica nenhuma idéia corporal como se Deus tivesse uma forma material, mas implica também muito mais do

que uma mera semelhança aparente. Quem está na forma de Deus possui os atributos divinos essenciais. Somente Deus pode estar "na forma de Deus": o homem é feito à semelhança de Deus, mas o homem não é "na forma de Deus". É lançada luz sobre essa frase sublime por sua antítese, com a seguinte expressão no versículo seguinte, 'a forma de um servo', e como isso é imediatamente explicado para se referir à suposição de Cristo da natureza humana, não há espaço para dúvidas sinceras de que 'estar originalmente na forma de Deus' é uma

forma de Deus' é uma reivindicação deliberadamente afirmada da divindade de Cristo em Seu estado preexistente.

Como já apontamos, Paulo sobe aqui na mesma altura elevada à qual se eleva o prólogo do Evangelho de João, e ele ecoa as próprias palavras de nosso Senhor sobre 'a glória que eu tinha contigo antes da fundação do mundo'. Nossos pensamentos são levados de volta antes que as criaturas existissem, e nos tornamos vagamente conscientes de uma distinção eterna na natureza divina que apenas aperfeiçoa

sua unidade eterna. Essa participação eterna na natureza divina antes de toda a criação e antes do tempo é a pré-suposição necessária do valor da vida de Cristo como padrão de humildade e sacrifício. Essa suposição dá todo o seu significado, seu pathos e seu poder à Sua gentileza, amor e morte. Os fatos são diferentes em seu significado e diferentes em seu poder de abençoar e alegrar, de limpar e influenciar a alma, conforme os contemplamos com ou sem o pano de fundo de Sua divindade preexistente. A visão que O considera simplesmente um

considera simplesmente um homem, como todos nós, começando a ser quando Ele nasceu, tira de Seu exemplo sua força mais poderosa de restrição. Somente quando de todo o coração cremos 'que o Verbo se fez carne' é que discernimos as profundidades avassaladoras de condescendência manifestadas no Nascimento. Se não era a encarnação de Deus, não tem direito ao coração dos homens.

II O maravilhoso ato de descida.

Os estágios dessa longa descida são marcados com uma

precisão e determinação que seriam uma presunção intolerável, se Paulo estivesse falando apenas seus próprios pensamentos ou contando o que tinha visto com seus próprios olhos. Eles começam com o que estava na mente da Palavra eterna antes que Ele começasse a descer, e ainda assim Ele estava "na forma de Deus". Ele permanece no nível elevado antes do início da descida e, em espírito, faz a rendição, que, estágio por estágio, será posteriormente executada em ato. Antes de qualquer um desses atos, deve

ter havido a disposição de espírito e vontade que Paulo descreve como 'considerando que não é algo que se percebe estar em igualdade com Deus'. Ele não considerava o ser igual a Deus uma presa ou um tesouro a ser agarrado e retido em todos os perigos. Isso varre nossos pensamentos para as regiões sombrias muito além do Calvário ou Belém, e é uma manifestação de amor mais avassaladora do que os atos de gentileza humilde e resistência paciente que se seguiram no tempo. Incluiu e transcendeu todos eles.

Foi o exemplo supremo de não 'olhar para as próprias coisas'. E o que o fez tão valer? Que amor infinito. Resgatar homens e conquistá-los para Si mesmo e bondade, e finalmente levantá-los para o lugar de onde Ele desceu por eles, parecia a Ele valer a rendição temporária dessa glória e majestade. Nós podemos nos curvar e adorar o amor perfeito. Observamos mais profundamente as profundezas da Deidade do que olhos sem ajuda jamais poderiam penetrar, e o que vemos é o movimento naquele abismo da Divina mais pura

rendição que, ao contemplar, devemos assimilar.

Então vem a maravilha das maravilhas: 'Ele se esvaziou'. Não podemos entrar aqui nas questões reunidas em torno dessa frase e que lhe dão uma importância factícia em relação às controvérsias atuais. Tudo o que gostaríamos de salientar agora é que, embora o Apóstolo trate distintamente a Encarnação como sendo uma parte do que fez a Palavra ser igual a Deus, ele não diz nada, no qual uma determinação exata possa se basear, do grau ou das particularidades, em que

a natureza divina de nosso Senhor era limitada por Sua humanidade. O fato de ele afirmar, e isso é tudo. A cena na Câmara Alta era apenas uma imagem fraca do que já havia sido feito atrás do véu. A menos que tivesse posto de lado Suas vestes da glória e majestade divinas, não teria carne humana para tirar as vestes. A menos que ele quisesse assumir a "forma de servo", ele não teria um corpo para cingir com a toalha do escravo. A Encarnação, que tornou possível todos os Seus atos de amor humilde, foi um ato maior de

amor humilde do que aqueles que dela fluíram. Olhando da terra, os homens dizem: 'Jesus nasceu'. Olhando do céu, os Anjos dizem: 'Ele se esvaziou'.

Mas como Ele se esvaziou? Ao assumir a forma de escravo, isso é para Deus. E como Ele assumiu a forma de escravo? 'Tornando-se à semelhança dos homens'. Aqui, devemos observar especialmente a linguagem notável que implica que o que não é verdadeiro para nenhum outro em todas as gerações de homens é verdadeiro para Ele. Que, assim como 'esvaziar-se' era Seu

próprio ato, também assumir a forma de escravo pelo Seu nascimento era Seu próprio ato, e foi mais verdadeiramente descrito como um 'devir'. Notamos também o forte contraste entre a palavra mais notável e o 'ser original', usado para expressar o mistério da pré-existência divina.

Enquanto o seu tornar-se à semelhança dos homens contrasta fortemente com o 'ser original' e expressa energicamente a voluntariedade do nascimento de nosso Senhor, a 'semelhança dos homens' não

põe em dúvida a realidade de Sua masculinidade, mas aponta para o fato que "embora certamente homem perfeito, Ele não era, simplesmente, por causa da natureza divina presente nEle, simplesmente e meramente homem".

Aqui, então, o início da masculinidade de Cristo é mencionado em termos que são apenas explicáveis, se fosse uma segunda forma de ser, precedida por uma forma preexistente, e assumida por Seu próprio ato. A linguagem também exige que a humanidade tenha sido

verdadeira masculinidade essencial. Estava na "forma" do homem e possuía todos os atributos essenciais. Estava na "semelhança" do homem possuidor de todas as características externas e, no entanto, era algo mais. Resumiu a natureza humana e foi seu representante.

III A obediência que acompanhou a descida.

Não foi apenas um ato de humilhação e condescendência tornar-se homem, mas toda a sua vida foi um longo ato de humildade. Assim como Ele 'se esvaziou' no ato de se tornar à

esvaziou' no ato de se tornar à 'semelhança dos homens', assim também 'humilhou-se', e durante todo o curso de sua vida terrena, escolheu uma humildade constante e a ser 'desprezado e rejeitado pelos homens. " Foi o resultado, momento a momento, de Sua própria vontade, que, aos olhos dos homens, Ele não apresentou "nenhuma forma nem graça", e essa vontade foi, momento a momento, estabilizada em sua humildade imutável, porque Ele perpetuamente olhou "não para Suas próprias coisas, mas nas coisas dos outros. O disfarce que Ele apresentava aos olhos

que Ele apresentava aos olhos dos homens era 'a moda de um homem'. Essa palavra corresponde exatamente ao termo cuidadosamente selecionado de Paulo, e enfatiza tanto seu caráter superficial quanto seu caráter transitório.

A humilhação ao longo da vida de Si mesmo se manifestou ainda mais ao se tornar 'obediente'. Essa obediência era, é claro, para Deus. E aqui não podemos deixar de fazer a pergunta: como é que para o homem Jesus a obediência a Deus foi um ato de humilhação? Certamente há apenas uma explicação para essa afirmação

explicação para essa afirmação. Para todos os homens, exceto este, que são escravos de Deus é a sua maior honra, e falar de obediência como humilhação é um absoluto absurdo.

A vida de Jesus não era apenas tão perfeita, um exemplo de obediência ininterrupta, que ele pôde enfrentar com segurança seus adversários com a pergunta: 'Qual de vocês me convence do pecado?' e com a pretensão de 'fazer sempre as coisas que Lhe agradaram', mas a obediência ao Pai foi aperfeiçoada em Sua morte. Considere o fato extraordinário

de que a morte de um homem é o principal exemplo de sua humildade, e pergunte-se: quem é então quem escolheu nascer e se curvou no ato de morrer? Sua morte foi obediência a Deus, porque, por meio dele, realizou a vontade do Pai para a salvação do mundo. Sua morte é o maior exemplo de auto-sacrifício altruísta e o exemplo mais elevado de observar as 'coisas dos outros' que os mundo já viu. Ela diminui em significado, em pathos e em poder para nos levar à imitação, a menos que vejamos claramente a glória divina do eterno Senhor como o

pano de fundo da humilde
humildade do Homem das
Dores e da Cruz. Nenhuma
teoria da vida e da morte de
Cristo, exceto que Ele nasceu
por nós e morreu por nós,
explica os fatos e a linguagem
apostólica a respeito deles ou os
deixa investidos com todo o seu
poder para derreter nossos
corações e moldar nossas vidas.
Existe a possibilidade de imitá-lo
no mais transcendente de seus
atos. A mente pode estar em
nós, que estava em Cristo Jesus.
Para que isso aconteça, Sua
morte deve primeiro ser o
fundamento de nossa
esperança, e então devemos

esperança, e então devemos torná-la o padrão de nossas vidas, e extrair dela o poder de moldá-las segundo Seu Exemplo abençoado.

Comentário de Benson

Php 2: 5-6 . *Deixe essa mente* - A mesma disposição humilde, condescendente, benevolente, desinteressada e abnegada; *esteja em você, que também estava em Cristο Jesus* - A expressão original, **τουτο φρονεισθω εν υμιν ο και εν Χριστω Ιησου** , é, literalmente, **tenha atenção** ou disposição, *como Jesus era.* A palavra inclui a mente e o coração, o

mente e o coração, o entendimento, a vontade e os afetos. Deixe seu julgamento e avaliação das coisas, sua escolha, desejo, intenção, determinação e prática subseqüente, sejam como aqueles nele; *quem sendo* - **Υπαρχων** , *subsistindo; na forma de Deus* - Como tendo sido desde a eternidade possuidor de perfeições e glórias divinas; *pensei que não era roubo* - grego, **ουκ αρπαγμον ηγησατο** ; literalmente, *não considerou um ato de roubo,* **ειναι ισα Θεω** , *ser* coisas *iguais a Deus* - Ele e seu Pai sendo *um,* João 10:30 ; e todas as coisas pertencentes ao

Pai sendo dele, João 16:15 ; o Pai também está *nele, e ele no Pai.* Consequentemente, os mais altos nomes, títulos, atributos e obras divinos são inscritos a ele pelos escritores inspirados: e as mesmas honras e adorações são representadas como sendo devidas a ele, e são realmente pagas a ele, que são dadas ao Pai. e ao Espírito Santo. "Como o apóstolo", diz Macknight, "está aqui falando sobre o que Cristo era antes de assumir a forma de servo, a forma de Deus, na qual se diz que ele subsistiu e do qual é dito (Filipenses 2: 7) ter se despojado quando se tornou

homem, não pode ser algo que ele possuía durante sua encarnação ou em seu estado despojado; consequentemente, nem a opinião de Erasmus, de que a *forma de Deus* consistia naquelas faíscas de divindade pelas quais Cristo, durante sua encarnação, manifestou sua divindade; nem a opinião dos socinianos, de que consistia no poder de realizar milagres, é bem fundamentada. "A opinião de Whitby, Doddridge e outros" parece mais fundamentada, que, pela *forma de Deus,* entende essa luz gloriosa visível na qual se diz que a Deidade

habita, 1 Timóteo 6:16 ; e pelo qual ele se manifestou aos patriarcas da antiguidade, Deuteronômio 5:22 ; Deuteronômio 5:24 ; e que era comumente acompanhado por um numeroso séquito de anjos, Salmo 68:17 ; e que nas Escrituras se chama *similitude,* Números 12: 8 ; o *rosto,* Salmo 31:10 ; a *presença,* Êxodo 33:15 ; e a *forma* (João 5:37) *de Deus.* Esta interpretação é apoiada pelo termo **μορφη** , *forma,* aqui usada, que significa a forma ou aparência externa de uma pessoa. Assim, somos informados (Marcos 16:12) que Jesus apareceu a seus discípulos

Jesus apareceu a seus discípulos em *outro* **tipo** , *forma* ou *forma:* e Mateus 17: 2 , **versículo** , *Ele foi transfigurado diante deles;* sua aparência ou forma externa foi alterada. Além disso, esta interpretação concorda com o fato. *A forma de Deus,* isto é, a glória visível e a presença dos anjos acima descritos, o Filho de Deus desfrutou com seu Pai antes do mundo, João 17: 5 ; e nisso, como em outros relatos, ele é *o brilho da glória do Pai,* Hebreus 1: 3 . Mas ele se despojou disso quando se tornou carne. No entanto, depois de retomado após sua ascensão, ele virá com ele na

natureza humana para julgar o mundo. Então ele disse a seus discípulos, Mateus 16:27 . Por fim, esse senso de **μορφη Θεου** é confirmado pelo significado de **μορφην δουλου** (Filipenses 2: 7), que evidentemente denota a aparência e o comportamento de um servo. "

Comentário conciso de Matthew Henry

2: 5-11 O exemplo de nosso Senhor Jesus Cristo é apresentado diante de nós. Devemos parecer com ele em sua vida, se quisermos ter o benefício de sua morte. Observe

benefício de sua morte. Observe as duas naturezas de Cristo; sua natureza divina e natureza humana. Quem estando na forma de Deus, participando da natureza divina, como o eterno e unigênito Filho de Deus, Jo 1: 1, não tinha achado um assalto ser igual a Deus e receber adoração divina dos homens. Sua natureza humana; aqui ele se tornou como nós em todas as coisas, exceto no pecado. Tão baixo, por sua própria vontade, ele se curvou da glória que tinha com o Pai antes que o mundo existisse. Os dois estados de Cristo, de humilhação e exaltação, são notados. Cristo

não apenas tomou sobre si a semelhança e a moda, ou a forma de um homem, mas de um em estado de baixa; não aparecendo em esplendor. Toda a sua vida foi de pobreza e sofrimento. Mas o passo mais baixo foi a morte da cruz, a morte de um malfeitor e um escravo; exposto ao ódio público e desprezo. A exaltação era da natureza humana de Cristo, em união com o Divino. Em nome de Jesus, não o mero som da palavra, mas a autoridade de Jesus, todos devem prestar uma homenagem solene. É para a glória de Deus Pai, confessar

que Jesus Cristo é o Senhor; pois é sua vontade que todos os homens honrem o Filho como honram o Pai, Jo 5:23. Aqui vemos motivos para o amor abnegado que nada mais pode suprir. Assim, amamos e obedecemos ao Filho de Deus?

Notas de Barnes sobre a Bíblia

Que esta mente esteja em você, que também estava em Cristo Jesus - O objetivo desta referência ao exemplo do Salvador é particularmente fazer cumprir o dever de humildade. Este foi o exemplo mais alto que

poderia ser fornecido, e ilustraria e confirmaria tudo o que o apóstolo havia dito sobre essa virtude. O princípio no caso é que devemos fazer do Senhor Jesus nosso modelo e, em todos os aspectos, enquadrar nossas vidas, na medida do possível, de acordo com este grande exemplo. O ponto aqui é que ele deixou um estado de glória inexprimível e tomou sobre ele a forma mais humilde da humanidade, e realizou os mais humildes ofícios, para que ele pudesse nos beneficiar.

Comentário da Bíblia de

Jamieson-Fausset-Brown

5. Os manuscritos mais antigos diziam: "Tenha essa mente em você", etc. Ele não se apresenta (veja em [2383] Filipenses 2: 4 e Filipenses 1:24) como exemplo, mas Cristo, aquele que preeminentemente não buscou os seus, mas "se humilhou" (Filipenses 2: 8), primeiro ao assumir a nossa natureza, em segundo lugar, para nos humilhar ainda mais nessa natureza (Ro 15: 3).

Comentários de Matthew Poole

Veja Poole em " Filipenses 2: 5

"

Exposição de Gill de toda a Bíblia

Deixe esta mente estar em você, ... A versão em árabe a traduz: "que essa humildade seja percebida em você". O apóstolo propõe Cristo como o grande padrão e exemplo de humildade; e instâncias em sua suposição da natureza humana, e em sua sujeição a toda essa maldade e à própria morte, até a morte da cruz nela; e que ele menciona com essa visão, para envolver os santos na humildade mental, imitando-o;

mostrar o mesmo temperamento e disposição mental em sua prática,

que também estava em Cristo Jesus; ou como a versão siríaca, "pensai a mesma coisa que Jesus Cristo"; deixe que o mesmo espírito condescendente e humilde comportamento apareçam em você e nele. Essa mente, afeição e conduta de Cristo, podem se referir tanto à sua afeição precoce ao seu povo, ao amor que ele lhes causou desde a eternidade, à resolução e determinação de sua mente em conseqüência disso; e seu acordo com o Pai

disso, e seu acordo com o Pai em assumir sua natureza na plenitude dos tempos e em fazer sua vontade, obedecendo, sofrendo e morrendo em seu quarto e em seu lugar; e também a exibição aberta e execução de tudo isso no tempo, quando ele apareceu na natureza humana, pobre, mesquinho e abjeto; condescendente aos cargos mais baixos e comportando-se da maneira mais humilde e humilde, durante toda a vida, até o momento de sua morte.

Geneva Study Bible

{2} Este espírito esteja em ti, que

(2) Este espírito esteja em ti, que também estava em Cristo Jesus:

(2) Ele coloca diante deles um exemplo mais perfeito de toda modéstia e doce conduta, Cristo Jesus, a quem devemos seguir com toda a nossa força: que se humilhou tanto por nós, embora esteja acima de tudo, que assumiu ele próprio a forma de servo, isto é, a nossa carne, voluntariamente sujeita a todas as fraquezas, até a morte da cruz.

EXEGÉTICO (LÍNGUAS ORIGINAIS)

Comentário de Meyer

Php 2: 5 . Aplicação do preceito contido em Php 2: 3 f. pelo *exemplo de Jesus* (comp. Romanos 15: 3 ; 1 Pedro 2:21 ; Clem. *Cor* . I. 16), que, cheio de humildade, *não mantinha seu interesse em vista* , mas em renúncia e auto-renúncia. a humilhação a sacrificou, até a resistência da morte da cruz, e foi, portanto, exaltada por Deus à mais alta glória; [90] isso se estende a Filipenses 2:12 . Veja nesta passagem Kesler em *Thes. nov. ex mus. Tem. et Iken* . II p. 947 f .; Schultens, *Dissertatt. philol.* . I. p. 443 e seqq. ; Keil

philol . I. p. 443 e segs ., Keil, dois *Comentat* . 1803 (*Opusc* . P. 172 ss.); Martini, no diário de Gabler . *f. auserl. O ol. Lit.* IV p. 34 e segs .; de Amon, *Magaz. f. Pred* . II 1, p. 7 e segs .; Kraussold no *Annal. d. gesammt. Theol* . 1835, II. p. 273 e segs .; Stein no *parafuso prisioneiro. você. Krit* . 1837, p. 165 ss .; Philippi, *d. Gehors. Chr* . Berl. 1841, p. 1 e seg .; Tholuck, *Disp. Christol. de l. Php 2: 6-9* , Halle 1848; Ernesti no *Stud. você. Krit* . 1848, p. 858 e segs. E 1851, p. 595 e segs .; Baur no *teol. Jahrb* . 1849, p. 502 e segs. E 1852, p. 133 ss., E em seu *Paulus* , II. p. 51 e segs. ed. 2; Liebner, *Christol*

. p. 325 ss .; Raebiger, *Christol. Paulin* . p. 76 e seg .; Lechler, *Apost. você. Nachapost. Zeitalt* . p. 58 e segs .; Schneckenburger no *Deutsch. Zeitschr* . 1855, p. 333 ss; Wetzel no *Monatschr. fd Luth. Kirche Preuss* . 1857; Kähler no *Stud. você. Krit* . 1857, p. 99 ss .; Beyschlag no *parafuso prisioneiro. você. Krit* . 1860, p. 431 e segs., E seu *Christol. d. N. T.* 1866, p. 233 e segs .; Rico. Schmidt, *Paul. Christol* . 1870, p. 163 e segs .; Excursus de JB Lightfoot, p. 125 ss .; Pfleiderer no *Zeitschr* de Hilgenfeld. 1871, p. 519 e segs .; Grimm no mesmo *Zeitschr* . 1873, p. 33 e

segs. Entre os escritores dogmáticos mais recentes, Thomasius, II. p. 148 e segs .; Philippi, IV. 1, p. 469 e segs .; Kahnis, I. p. 458 e segs.

iatρoνεíσθω ἐν ὑμ .] *sentiatur in animis vestris* . O paralelismo com o ἐν que se segue proíbe a nossa interpretação *intra vestrum caetum* (Hoelemann, comp. Matthies). O modo *passivo* de expressão é incomum em outros lugares, embora logicamente inatacável. Hofmann, rejeitando a leitura passiva, como também o complemento passivo depois, infelizmente entendeu mal toda

infelizmente entendeu mal toda a passagem. [91]

ὃ καὶ ἐν Χ . Sc .] *Sc* . **ἐφρονήθη .** Em *ἘΝ* , comp. o Homérico *ἘΝῚ ΦΡΕΣΊ* , **ἘΝῚ ΘΥΜῶ** , que geralmente ocorre com *ΦΡΟΝΕῖΝ* , *Od* . xiv. 82, vi. 313; *Il* . xxiv. 173. **καί** não é *cum maxime* , mas o simples *também* da comparação (em oposição a van Hengel), a saber, do padrão de Cristo.

[90] O exemplo de Cristo, portanto, nesta passagem é de *abnegação* e não de *obediência a Deus* (Ernesti), no qual, na verdade, a abnegação apenas se manifestava junto com outras

coisas. No entanto, é demonstrado pela adição de **καί** , que Paulo realmente pretendia adotar o *exemplo* de Cristo (em oposição à visão de Hofmann); comp. Romanos 15: 3 . O *exemplo* de Cristo é o moral, ideal, realizado historicamente. Comp. Wuttke, *Sittenl* . II § 224; Schmid, *Sittenl* . p. 355 e seg .; e tão cedo quanto Crisóstomo.

[91] Lendo **φρονεῖτε** , e subseqüentemente explicando o **ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ** como uma expressão frequente com Paulo pela qualidade ética ética do cristão (como **ἐν κυρίῳ** em Php

4: 2), Hofmann faz o apóstolo dizer que os leitores devem *ter sua mente assim direcionada dentro deles, que não faltará essa qualidade definida que a torna cristã* . Assim, quando expresso em palavras simples, evoluiria apenas o pensamento: "Tenha em você *a* mente que também é cristã". Como se a grande explosão que se seguisse imediatamente estivesse em harmonia com uma idéia tão geral! Essa explosão tem sua própria base no *exemplo* sublime do Senhor. E qual, de acordo com a opinião de Hofmann, é o objetivo do significativo καί ? Seria

significativo **καὶ** : seria inteiramente *sem correlação* no texto; pois em **ἐν ὑμίν** o **ἐν** teria que ser tomado como *local* , e no **ἐν Χριστῷ** , de acordo com essa má interpretação, teria que ser tomado no sentido de *comunhão ética* , e, portanto, as relações *não análogas* seriam marcadas.

Testamento Grego do Expositor

Php 2: 5-11 . A CONDESCENSÃO E A EXALTAÇÃO DE CRISTO. Quanto à forma, Php 2: 5-10 parece ser construído em grupos cuidadosamente escolhidos de cláusulas

escolhidos de cláusulas paralelas, com um ritmo impressionante (ver J. Weiss, *Beitr.* , Pp. 28-29).

Bíblia de Cambridge para escolas e faculdades

5) *Deixe essa mente ser*] RV, **tenha essa mente** ; adotando uma leitura de forma diferente, mas dificilmente importada daquela obtida para o AV, o que representa razoavelmente uma ou outra leitura.

Na grande passagem que se segue, temos um exemplo sugestivo de ensino moral cristão. Um dos elementos mais

simples e primários do dever está sendo cumprido, e é cumprido mediante o apelo aos segredos mais íntimos da verdade da Pessoa e Obra de Cristo. O espiritual e o eterno, em profunda continuidade, descem para a prática. Atualmente, uma poderosa tendência de pensamento vai na direção de separar a teologia cristã do cristianismo prático; os mistérios da Pessoa e Obra de nosso Senhor, da grandeza de Seu Exemplo. Pode pelo menos checar especulações precipitadas nessa direção, para lembrar que tal teoria rasga em

pedaços os ensinamentos do Novo Testamento quanto aos seus elementos mais característicos e vitais. A visão anti-doutrinária do cristianismo é uma teoria que começou estrita e adequadamente *de novo* . Veja o Apêndice E.

que era] O verbo não está no grego, mas está necessariamente implícito. Enquanto isso, o caráter sagrado que surgiu no passado misterioso (" *era* ") da glória pré-temporal do Senhor, ainda e para sempre *é* Seu caráter, sua "mente".

in Christ Jesus] It is observable

in Christ Jesus] It is observable that he calls the Lord not only "Christ" but "Jesus," though referring to a time before Incarnation. Historically, He had yet to be "anointed" (*Christ*), and to be marked with His human Name (*Jesus*). But on the one hand the Person who willed to descend and save us is identically the Person who actually did so; and on the other hand what is already decreed in the Eternal Mind is to It already fact. CP. the language of Revelation 13:8 .

E. CHRISTOLOGY AND CHRISTIANITY (Ch. Php 2:5)

“A Christianity without Christ is no Christianity; and a Christ not Divine is one other than the Christ on whom the souls of Christians have habitually fed. What virtue, what piety, have existed outside of Christianity, is a question totally distinct. But to hold that, since the great controversy of the early time was wound up at Chalcedon, the question of our Lord's Divinity has generated all the storms of the Christian atmosphere, would be simply an historical untruth.

“Christianity ... produced a type of character wholly new to the Roman world and it

Roman world, and it fundamentally altered the laws and institutions, the tone, temper and tradition of that world. For example, it changed profoundly the relation of the poor to the rich ... It abolished slavery, and a multitude of other horrors. It restored the position of woman in society. It made peace, instead of war, the normal and presumed relation between human societies. It exhibited life as a discipline ... in all its parts, and changed essentially the place and function of suffering in human experience ... All this has been done not by eclectic and

done not by eclectic and arbitrary fancies, but by the creed of the Homoousion, in which the philosophy of modern times sometimes appears to find a favourite theme of ridicule. The whole fabric, social as well as personal, rests on the new type of character which the Gospel brought into life and action."

WE Gladstone (' *Nineteenth Century* ,' *May* 1888; pp. 780–784).

F. ROBERT HALL ON Php 2:5-8 . BAUR'S THEORY

The Rev. Robert Hall (1764–1831), one of the greatest of

1831), one of the greatest of Christian preachers, was in early life much influenced by the Socinian theology. His later testimony to a true Christology is the more remarkable. The following extract is from a sermon "preached at the (Baptist) Chapel in Dean Street, Southwark, June 27, 1813" (*Works* , ed. 1833; vol. vi., p. 112):

"He was *found* in fashion as a man: it was a wonderful discovery, an astonishing spectacle in the view of angels, that He who was in the form of God, and adored from eternity, should be made in fashion as a

man. But why is it not said that He was a *man?* For the same reason that the Apostle wishes to dwell upon the *appearance* of our Saviour, not as excluding the reality, but as exemplifying His condescension. His being in the form of God did not prove that He was not God, but rather that He was God, and entitled to supreme honour. So, His assuming the form of a servant and being in the likeness of man, does not prove that He was not man, but, on the contrary, includes it; at the same time including a manifestation of Himself, agreeably to His design of purchasing the

design of purchasing the salvation of His people, and dying for the sins of the world, by sacrificing Himself upon the Cross."

Baur (*Paulus* , pp. 458–464) goes at length into the Christological passage, and actually contends for the view that it is written by one who had before him the developed Gnosticism of cent. 2, and was not uninfluenced by it. In the words of Php 2:6 , a consciousness of the Gnostic teaching about the Æon *Sophia* , striving for an absolute union with the absolute being of the Unknowable Supreme; and

again about the Æons in general, striving similarly, to "grasp" the *plerôma* of Absolute Being and discovering only the more deeply in their effort this *kenôma* of their own relativity and dependence.

The best refutation of such expositions is the repeated perusal of the Epistle itself, with its noon-day practicality of precept and purity of affections, and not least its high language (ch. 3) about the sanctity of the body—an idea wholly foreign to the Gnostic sphere of thought. It is true that Schrader, a critic earlier than Baur (see Alford, *N.*

T . iii. p. 27), supposed the passage Php 3:1 to Php 4:9 to be an interpolation. But, not to speak of the total absence of any historical or documentary support for such a theory, the careful reader will find in that section just those minute touches of harmony with the rest of the Epistle, eg in the indicated need of internal union at Philippi, which are the surest signs of homogeneity.

5–11 . The appeal enforced by the supreme Example of the Saviour in His Incarnation, Obedience, and Exaltation

Php 2:5 . **Φρονεῖσθω** , *let the mind be*) He does not say **φρονεῖτε** , *think ye* , but **φρονείσθω** , *cherish this mind* .— **ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ** , *in Christ Jesus*) Paul also was one who had regard to what belonged to others, not merely what belonged to himself: ch. Php 1:24 : and this circumstance furnished him with the occasion of this admonition. He does not, however, propose himself, but Christ, as an example, who did not seek His own, but humbled Himself. [*Even the very order of the words, as the name* Christ *is put first, indicates the immense*

put first, indicates the immense weight of this example .—V. g.]

Comentários do púlpito

Verse 5. - Let this mind be in you, which was also in Christ Jesus ; literally, according to the reading of the best manuscripts, **mind this in you which was also (minded) in Christ Jesus.** Many manuscripts take the words "every man" (ἕκαστοι) of Ver. 4 with Ver. 5: "All of you mind this." The words, "in Christ Jesus," show that the corresponding words, "in you," cannot mean "among you," but in yourselves, in your heart. The apostle refers us to the supreme

example of unselfishness and humility, the Lord Jesus Christ. He bids us mind (comp. Romans 8:5) the things which the Lord Jesus minded, to love what he loved, to hate what he hated; the thoughts, desires, motives, of the Christian should be the thoughts, desires, motives, which filled the sacred heart of Jesus Christ our Lord. We must strive to imitate him, to reproduce his image, not only in the outward, but even in the inner life. Especially here we are biddcn to follow his unselfishness and humility.

Estudos da Palavra de Vincent

Let this mind be in you (τοῦτο φρονείσθω ἐν ὑμιν)

Lit., let this be thought in you. The correct reading, however, is φρονεῖτε, lit., "think this in yourselves." Rev., have this mind in you.

Ligações

Filipenses 2: 5 Interlinear Filipenses 2: 5 Textos Paralelos Filipenses 2: 5 NVI Filipenses 2: 5 NLT Filipenses 2: 5 ESV Filipenses 2: 5 NASB Filipenses 2: 5 KJV Filipenses 2: 5 Bible Apps

Filipenses 2: 5 Filipenses Paralelos 2: 5 Biblia Paralela Filipenses 2: 5 Bíblia Chinesa Filipenses 2: 5 Bíblia Francesa Filipenses 2: 5 Bíblia Alemã

Bible Hub